

01

Novembro

TODOS OS SANTOS

POSTADO POR ADMIN ÀS 09:37



A santidade é o rosto mais belo da Igreja? (Gaudete et Exsultate, n. 9)

I. Introdução geral

Nesta celebração, somos convidados a agradecer a Deus o testemunho dos santos e santas de todas as nações (I leitura). Eles e elas se purificaram, no dia a dia, do pecado e da iniquidade (II leitura) e permaneceram fiéis ao compromisso com a justiça, com a misericórdia, com a paz, com a vida (evangelho). Desejamos também pedir a graça de perceber os sinais da presença do Espírito em toda parte: na sociedade, em nossas comunidades, em nossa família e nas pessoas que não fazem parte da nossa religião, do nosso grupo, mas nos ajudam a contemplar a beleza da santidade.

Primeira Leitura (Ap 7,2-4.9-14)

Leitura do Livro do Apocalipse de São João:

Eu, João, 2vi um outro anjo, que subia do lado onde nasce o sol. Ele trazia a marca do Deus vivo e gritava, em alta voz, aos quatro anjos que tinham recebido o poder de danificar a terra e o mar, dizendo-lhes: 3Não façais mal à terra, nem ao mar, nem às árvores, até que tenhamos marcado na fronte os servos do nosso Deus.

4Ouvi então o número dos que tinham sido marcados: eram cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel.

9Depois disso, vi uma multidão imensa de gente de todas as nações, tribos, povos e línguas, e que ninguém podia contar. Estavam de pé diante do trono e do Cordeiro; trajavam vestes brancas e traziam palmas na mão. 10Todos proclamavam com voz forte: A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro. 11Todos os anjos estavam de pé, em volta do trono e dos Anciãos, e dos quatro Seres vivos, e prostravam-se, com o rosto por terra, diante do trono. E adoravam a Deus, dizendo: 12Amém. O louvor, a glória e a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força pertencem ao nosso Deus para sempre. Amém. 13E um dos Anciãos falou comigo e perguntou: Quem são esses vestidos com roupas brancas De onde vieram?

14Eu respondi: Tu é que sabes, meu senhor.

E então ele me disse: Esses são os que vieram da grande tribulação. Lavaram e alvejaram as suas roupas no sangue do Cordeiro.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Ap 7,2-4.9-14

Essa passagem do livro do Apocalipse objetiva animar as comunidades cristãs a permanecerem fiéis a Cristo em meio ao sofrimento e à perseguição que estão vivenciando. O texto de Ap 7 está situado na seção da abertura dos selos (cf. Ap 6,1-7,17) e é a resposta à pergunta do capítulo precedente (cf. Ap 6,17): quem poderá ser considerado inocente (ficar em pé) no dia da intervenção final e do julgamento de Deus? O autor responde: será aquele que permanece fiel ao seguimento de Jesus Cristo no amor, mesmo que isso possa lhe custar a entrega da vida.

A primeira cena (cf. Ap 7,2-4) tem como contexto a terra, sob a ameaça dos ventos que vêm dos quatro ângulos do universo, considerados ventos nocivos e destruidores (cf. 1 Henoc 76). Os servos, porém, serão poupados por meio da intervenção direta e gratuita de Deus, conforme anuncia o quinto anjo, encarregado por Deus de dar ordens aos mensageiros, descritos no v. 1.

O assinalamento na frente (cf. v. 3) expressa a proteção divina (cf. Ex 12,21-30). Provavelmente, os assinalados são aqueles que não se deixaram contaminar pela idolatria e, portanto, pertencem a Deus.

O número 144 mil (cf. v. 4) é simbólico: indica que são muitos e formam uma totalidade perfeita (144 mil é um número perfeito, resultado da multiplicação de 12 x 12 x 1.000). Refere-se, provavelmente, ao povo que será preservado das ameaças e dos flagelos pela sua fidelidade ao Deus vivente.

A segunda visão (cf. Ap 7,9-14) apresenta uma multidão incontável, proveniente de todas as nações (universalidade). A túnica branca retrata a salvação e, no Apocalipse, foi prometida aos vitoriosos e aos mártires (cf. Ap 3,4 e 6,11), ou seja, aos fiéis ao projeto de Deus que venceram as forças contrárias a Cristo. Da mesma forma

que Deus salvou Israel da escravidão do Egito, também o Cordeiro salvará aqueles que resistiram a toda opressão. A vitória e a salvação pertencem a Deus e ao seu Cordeiro. Desse modo, os mártires e os perseguidos, passando pela tribulação, participam da paixão de Cristo, mas também de sua vitória.

A pergunta do ancião, no v. 13, tem a finalidade de enfatizar a solenidade da revelação e ressaltar o significado do simbolismo das túnicas brancas. A resposta paradoxal, segundo a qual as túnicas são brancas porque foram lavadas no sangue do Cordeiro, faz-nos vislumbrar a salvação final, já parcialmente experimentada pelos fiéis ao aderirem a Jesus, o Messias, e ao serem introduzidos pelo batismo no tempo messiânico. Assim, a purificação trazida pelo sangue do Cordeiro permite aos cristãos realizar um culto agradável a Deus por meio da vivência comunitária, do cumprimento da missão de anunciar o Reinado de Deus e da doação da própria vida por fidelidade ao seguimento de Jesus.

Anúncio do Evangelho (Mt 5,1-12a)

Naquele tempo, **1**vendo Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-se. Os discípulos aproximaram-se, **2**e Jesus começou a ensiná-los:

3Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

4Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.

5Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

6Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

7Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão

misericórdia.

8Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

9Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

10Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

11Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de mim. **12a**Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus?.

2. Evangelho: Mt 5,1-12a

As bem-aventuranças marcam o início dos discursos sobre o Reino de Deus no Evangelho segundo Mateus. Os destinatários da mensagem de Jesus são pessoas provenientes de vários lugares, tanto de Israel como das regiões dos gentios ? ou seja, de todas as nações (cf. Mt 4,25).

Jesus sobe ao monte e assume a posição de Mestre. O monte é o lugar da revelação divina e é o local onde Jesus ensina com autoridade (cf. Mt 7,28-29). É possível estabelecer um paralelismo entre Jesus e Moisés. Este subia ao Sinai para receber a Lei de Deus destinada ao povo (cf. Ex 19,3; 24,15.18), sinal da aliança estabelecida com Deus; Jesus, como Messias e Filho de Deus, sobe ao monte para apresentar não uma Lei, mas um programa de vida, e estabelecer uma nova aliança com toda a humanidade (cf. Mt 5,1-7,27). As bem-aventuranças, em Mateus, podem ter um caráter escatológico, mas no sentido do já e ainda não; ou seja, elas já acontecem e são reveladas nos gestos de Jesus Cristo e daqueles que seguem o Messias Jesus, mas serão vivenciadas em plenitude

na salvação futura. Por isso, estão relacionadas ao passado e ao presente, e não somente ao futuro.

O discurso das bem-aventuranças é o alegre anúncio do Reinado de Deus, dirigido ao pobre, ao oprimido, ao indefeso, ao marginalizado, ao aflito. Em Cristo, Deus vem para defender, consolar, acolher, ouvir novamente o clamor do povo. As bem-aventuranças, portanto, descrevem o modo cristão de viver o seguimento de Jesus, de estar em comunidade, na história. É o convite a uma mudança de mentalidade, tendo como critério a novidade do Reino, que nos desconcerta, visto que são chamados de felizes aqueles que a sociedade despreza, exclui, os considerados infelizes.

A primeira bem-aventurança é dirigida aos pobres em espírito; no entanto, não podemos espiritualizar o pobre ou suavizar a mensagem evangélica. De fato, se lermos as bem-aventuranças, compreenderemos que pobre é aquele completamente desprovido, aquele que carece de recursos, por ser explorado e oprimido social e economicamente. Assim, é o estrangeiro, a viúva, o órfão, o necessitado, o enfermo, o aflito, o perseguido, que são totalmente dependentes de Deus. Mas é também o misericordioso, aquele que vai ao encontro do outro, que consola, que tem sede e fome de justiça e promove a paz. Enfim, é aquele que está disponível para cumprir a vontade divina, pois tem consciência de que não é possível depositar sua confiança na riqueza ou no poder, sabe o que é fundamental e o que dá sentido à vida.

Outro aspecto que nos chama a atenção na expressão "pobres em espírito" (Mt 5,3) é sua afinidade com a frase "vivem perseguidos por causa da justiça" (Mt 5,10), pois para ambos é prometido o Reino de Deus. Desse modo, é legítimo afirmar que os pobres em espírito são também os perseguidos por causa da justiça, ou seja, os que sofrem nas mãos dos opositores a Cristo (cf. Mt 4,18-24).

São os que acreditam que o Reino de justiça, vivido e anunciado por Jesus, não é algo ilusório, por isso lutam e resistem para que esse Reino se realize. Um texto que poderia nos ajudar a entender os pobres em espírito é Mt 25,34-40, que afirma que aqueles que têm compaixão para com os mais pobres herdarão o Reino de Deus. Nessa perspectiva, os pobres em espírito são também aqueles que são solidários, dóceis à Palavra e abertos à incessante novidade de Deus.

Os aflitos, contemplados na segunda bem-aventurança, constituem os que sofrem por causa das forças do mal, sendo vítimas da opressão e da violência. O termo consolar pode ser traduzido literalmente por chamar para junto de ou seja, defender, intervir em favor daquele que não pode se libertar sozinho e remete à missão profética descrita em Is 61,1-2. Hoje vivemos numa sociedade marcada pela negação do sofrimento e plena de ofertas de felicidade. Quem é capaz de sentir o sofrimento e ser consolado por Jesus torna-se sensível ao sofrimento alheio. Essa bem-aventurança, portanto, lança-nos o desafio da compaixão, do compadecimento com o sofrimento do nosso próximo.

A terceira bem-aventurança está baseada no Sl 37,11, quando menciona os injustamente desapropriados de suas terras. Por isso, podemos traduzi-la por felizes os oprimidos, os fracos, os que se encontram em condições lastimáveis e percebem, no anúncio de Jesus, a possibilidade de restituir a própria dignidade e contar com a partilha. Ela é, ainda, um convite para nos desarmarmos diante das realidades de violência, ódio, inimizades, e sermos testemunhas da mansidão, um dom do Espírito (cf. Gl 5,23). Ser manso também é uma expressão da pobreza em espírito, pois supõe o despojar-se para poder estar disposto ao diálogo e ceder, quando necessário, do próprio ponto de vista, das próprias ideias e projetos.

Os que têm fome e sede de justiça são aqueles que optaram por viver a justiça de tal forma, que ela perpassa seu modo de ser, pensar e agir, constituindo uma necessidade primária (cf. Sl 107,5.8-9). Justiça pode ser entendida como a adequada relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Quem tem fome e sede de justiça se deixa conformar a Cristo, é pessoa que vive o processo de humanização de suas relações, alguém que deseja e constrói uma sociedade justa e fraterna. Isso também supõe perseverança, pois é muito fácil permanecermos saciados em nosso comodismo.

A bem-aventurança seguinte é centrada na misericórdia, tema fundamental em Mateus, que se expressa na compaixão para com o outro, por meio de gestos concretos, na saída para ir ao encontro dos marginalizados (cf. Mt 9,13; 12,7; 15,22; 25,35-37), no perdão fomentado nas relações comunitárias (cf. Mt 18,33; 6,12-15) e no amor aos inimigos (cf. Mt 5,38-48).

A expressão puros de coração nos remete ao Sl 24,4, que descreve as características do fiel ao qual é permitida a entrada no santuário. Assim, são aqueles e aquelas que defendem a vida, que não estão comprometidos com a falsidade e não realizam juramentos desonestos; isto é, aqueles que são íntegros e coerentes. Ser puro de coração é ser capaz de amar e poder ver a Deus, pois ele é amor.

A expressão os que promovem a paz pode ser interpretada como referência aos justos (cf. Sl 34,15), por terem uma vida perpassada por valores éticos. A paz é a síntese dos bens prometidos por Deus aos tempos messiânicos. Trabalhar pela paz, portanto, é ser um colaborador de Deus na construção de seu Reino. É uma bem-aventurança que nos desafia, pois, como diz o papa Francisco: é muito comum sermos causa de conflitos ou, pelo menos, de incompreensões? (GE 87), e, nesses momentos, ser instrumentos

de paz não é fácil, pois isso requer criatividade, escuta, uma vida marcada pela oração.

Ser perseguido é consequência de uma vida doada e marcada pelo evangelho, à semelhança da vida do Mestre Jesus, que também foi perseguido, incompreendido e sofreu por fidelidade ao projeto do Pai.

Segunda Leitura (1Jo 3,1-3)

Leitura da Primeira Carta de São João:

Caríssimos: 1Vede que grande presente de amor o Pai nos deu: de sermos chamados filhos de Deus! E nós o somos! Se o mundo não nos conhece, é porque não conheceu o Pai.

2Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas nem sequer se manifestou o que seremos! Sabemos que, quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é. 3Todo o que espera nele, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro.

3. II leitura: 1Jo 3,1-3

1Jo 3,1-3 retoma os temas já apresentados em 1Jo 1,5-10. Esses versículos contêm os mesmos elementos do discurso dirigido às pessoas em processo de iniciação à vida cristã, após a adesão a Jesus Cristo e o batismo, com a finalidade de refletir sobre o seguimento de Cristo, o significado do messianismo de Jesus e o fundamento do agir cristão. Para o autor, aquele que cumpre a justiça e não peca provém de Deus (cf. 1Jo 3,1) e caminha em

direção a ele (cf. v. 2).

Em 1Jo 3,1, o autor expressa sua admiração pelo grande amor de Deus Pai e pelo fato de serem filhos de Deus por meio do batismo, dado que os membros da comunidade participam da filiação divina em virtude da fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus. A expressão nascer de Deus é própria da literatura joanina. Para o evangelista, o nascer de Deus está intimamente ligado com o "nascer do alto" (Jo 3,6.8) e, após o batismo, o fiel torna-se parte da família de Deus. No v. 1, a palavra mundo deve ser entendida como tudo aquilo que se opõe a Cristo; na primeira carta de João, são aqueles que não reconhecem Jesus como Messias e Filho de Deus.

A frase do v. 2c, "sabemos que, quando será manifestado, deve ser interpretada como a epifania da identidade cristã, quando o batizado estiver diante da manifestação do Filho na parusia. Assim, nossa identidade de filhos será manifestada somente no final dos tempos, quando atingirmos a perfeição, ou seja, a meta final, por estarmos diante do Filho e do Pai.

O termo puro está relacionado à vida em contraposição à morte. Assim, afirmar que Jesus é puro é o mesmo que dizer que ele é a vida.

A necessidade de purificar-se para permanecer na proximidade de Deus (cf. v. 3) e de Jesus, dado que eles são santos e puros, perpassa todo o AT e pertence ao âmbito cultural; mas podemos também interpretá-la no sentido ético, ou seja: aproximamo-nos de Deus quando agimos conforme os ensinamentos de Cristo, libertando-nos do pecado, da iniquidade, de tudo que conduz à morte.

III. Pistas para reflexão

As leituras desta solene festa de Todos os Santos e Santas nos

ajudam a contemplar a beleza da santidade que se manifesta no povo, no mundo, em todas as partes. Assim, desafiam-nos a viver a santidade na humanização das nossas relações (evangelho), na purificação de tudo que nos conduz à iniquidade (II leitura) e à não adequada relação com o outro (injustiça) e com Deus (idolatria), e convidam-nos a permanecer fiéis mesmo diante da perseguição ou de realidades que se opõem ao projeto de Deus (I leitura). Somos também interpelados a nos questionar nessa festa: Como estou abraçando diariamente o caminho do evangelho? Como sou chamado/a a ser santo/a nas ocupações de cada dia?

FONTE LEITURAS: [CANÇÃO NOVA](#)

FONTE COMENTÁRIOS: [VIDA PASTORAL](#)